

In Inês Pedrosa: Fica Levando Esta Noite

A Sombra das Nuvens no Mar

na cozinha. Aquela homem curvado tinha cada vez menos o teu cheiro e nem sequer inspecionava as minhas orelhas, para ver se estavam sujas. Já não me chamavas porco, e tinhas sempre a barba por fazer. Ela sussurrava: "meu querido, meu querido." Do meu quarto sentia o teu corpo a enrolar-se sobre ti como um bicho-de-conta, ouvia os murmúrios dela, cada vez mais suaves e distantes.

Não foi por te ter encontrado a dormir sobre o peito dele, naquela tarde morna de domingo. Não foi por isso que me fui embora. Foi porque ele era belo, de uma beleza ofuscante que eu nunca tive, e tu parecias um monte de cinzas colado ao corpo dele.

Só nos livros o amor racha corações em relâmpago. Dinamene tomava vagares, e quando atingia o sobressaltado sossego do acordo consigo mesma, o seu corpo mudava-se. De negro fazia-se branco, de branco doirado, e depois moreno espesso. Talvez fora da ilha o tempo voltasse e Dinamene pudesse conquistar a efêmera angústia de uma identidade de mulher. Tentara barcos e pássaros, as ondas e depois o fundo do mar, mas as águas e os ares devolviam-na repetidamente.

Queria morrer e flutuava. Queria amar-se e mudava. Acordava sem saber de si, o sangue em forma de pedra, as pernas de âmbar, os cabelos de cedro velho e o rosto de mogno como uma mobília de palácio. A mágoa das matérias — pedra

ou madeira ou ferro ou ouro ou barro — chorava em círculos pesados dentro dela. Se ao menos tivesse memória. Olhava e tudo o que via era beleza: encostas verdes carregadas de flores, uma cidade cor-de-rosa encostada a navios grandes que à noite iluminavam o mar todo à volta. Mas nem estas coisas simples Dinamene chegava a nomear. Quando se aproximava das palavras, o seu corpo transfigurava-se e era como se a vida recomeçasse de um princípio que ela já conhecia mas nunca chegava a aprender. De qualquer maneira, as pessoas ficavam paradas a contemplá-la. Diziam: “Coitadinha! Tão bonita!” e ela sentia um fio de água (ou seiva, ou lama, ou ouro, dependendo do dia) descer-lhe pelo rosto. Sonhava que era uma rapariga como as outras, com uma só pele para envelhecer devagarinho e coleccionar fotografias e remorsos. Havia no sonho uma voz fatalista: “Serás sempre uma árvore apaixonada pelos barcos, é essa a tua maldição”, e quando ela queria perguntar porquê o sonho acabava e o espelho dos lagos mostrava-a outra, cada vez mais condenada à eternidade, que é o sítio de onde todas as recordações desapareceram.

Olhava para as barrigas redondas das mulheres, cheias, efémeras, íntimas e distantes como brinquedos, olhava-as com tal ausência que as comovia. As mulheres pegavam na cabeça loura ou negra de Dinamene e encostavam-na à pele estoirrada dos seus ventres. O som monótono da mortalidade deixava-a com saudades de ser feliz.

Dinamene nascera um dia, experimentara o terrível prazer da precaridade. Às vezes, os olhos dos homens tra-

ziam-lhe um violento odor a lenha e leite, uma coisa que escaldava como sangue a jorros de pulsos abertos. Tentara rasgar a pele com uma tesoura funda, e de imediato ela se lhe mudara em granito escuro, brilhante. Meteu-se-lhe então na cabeça que a ilha havia de ter um buraco, um lugar por onde a queda pudesse ser definitiva. Há muitos anos, na escola, Dinamene aprendera a figir de poços, grutas e covas porque no centro da terra ficava o inferno, mas agora ela não tinha qualquer ideia do que fosse uma escola. Correu a ilha toda muitas e muitas vezes, e quanto mais corria mais o seu corpo se afastava da terra. Pisava orquídeas e elas voltavam-se para o sol, como se em vez de pisadas tivessem sido acariciadas pela brisa do mar. Correu tanto que acabou por provocar os ventos e congregar as nuvens que andavam lá longe pelos continentes do mundo.

A ilha pôs-se a baloiçar como uma alma confusa e entornou Dinamene para dentro de uma fortaleza de pedra roubada ao tempo dos piratas. A primeira sala parecia uma caixa de fósforos gigante, onde os fósforos desenhavam um labirinto de andaimes. Ao fundo da sala havia uma enorme mesa de madeira, daquelas de desenhar cidades ou meditar sobre o esplendor da verdade. Dinamene acabou por reparar que sempre que suspirava um dos fósforos caía e aparecia um desenho em cima da mesa do fundo, que podia ser de frades ou arquitectos ou poetas. Queria tocar-lhes, mas os desenhos esfumavam-se, desfaziavam-se em giz nas mãos dela. E o giz marcou o caminho da segunda sala, que era

depois de uma ponte estreita, e quando ela entrou na segunda sala começou a nevar lá fora. Dinamene olhou para as mãos porque de repente o seu corpo fazia um barulho de livro desfolhado, e a pele desatou a encarquilhar-se-lhe muito depressa, até ficar cor de pergaminho, como os velhos ou os recém-nascidos. Não havia ali espelho que confirmasse a situação de Dinamene. De qualquer modo, Dinamene era imune aos espelhos. Só a água lhe reflectia os contornos, em dias de controlada luz. Deitou-se no chão, ao lado de uma espiral de flores que ali havia, e deixou-se cobrir pelas pétalas brancas e vermelhas, que lhe imitavam o frio da neve e o sabor metálico do sangue.

Então Dinamene lembrou-se. As imagens acudiam-lhe em tropel, recortadas em riso, assimétricas, numas cores ferozes de vida. Tinha um enorme cravo vermelho no cabelo em forma de estrela do mar e as suas mãos pequenas, pacientes, construía uma cidade de fósforos. Crescera em volta daquela cidade. Quando acabou de crescer verificou que a sua cidade estava rodeada por uma verdadeira muralha de papel. Pegou na primeira folha e leu o que estava escrito. Amor, amor, amor, ah, minha Dinamene, eternamente. Solhou uma gargalhada e caiu do céu uma luz que se ateou aos fósforos e reduziu a cinzas a sua infância inteira. Dinamene decidiu esquecer. Coleccionou fotografias até inventar uma família que lhe ficasse bem. Às vezes deixava-se arruinar, às vezes bordava panos para os barcos que partiam. Quando se cansou de imaginar começou a copiar gestos e sentimentos

dos romances. Não corria o perigo da seriedade, porque tinha um guarda-roupa faustoso dentro da cabeça. Nada era para sempre, nada merecia o empenhamento de uma existência, tudo fogo que arde.

Era a única mulher que gostava de envelhecer. Entediava-a a ideia de acordar todos os dias da vida com a mesma pele lisa de objecto sem passado. Amava as imperceptíveis corrosões do tempo: talvez por isso, parecia cada dia mais nova. Ganhou fama de bondosa por alheamento, tão determinada se apresentava sempre a estudar a sombra das nuvens no mar. Intrigava-a a persistência que as pessoas punham nos actos, para o bem como para o mal. Por isso mesmo, desencadeava paixões furiosas. Troçava da persistência das guerras e dos sentimentos, vivia o poder absoluto da indiferença material. Nunca saíra da ilha, que é o mesmo que dizer que jamais lhe pertencera, porque tinha todos os sentidos pousados nas substâncias passageiras. Divertia-a o jogo das intensidades, donde começou a murmurar-se que mentia. Numa hora beijava, na seguinte enxotava e ria. Até que os limites humanos do desengano coincidiram com os limites físicos da ilha, e a colecção de apaixonados transbordou numa multidão de revoltados.

Dinamene foi convidada para uma festa no alto do monte, num palácio onde morrera um rei estrangeiro. Quando ela entrou, com um vestido da cor do Tempo, todos — homens e mulheres — suspiraram de desejo e pavor. Avançaram para ela com uma garrafa cheia de um líquido dourado

e pediram-lhe que bebesse aquele néctar feito de propósito para ela. Dinamene bebeu e rejuvenesceu. Parecia que aquela bebida continha a fórmula da felicidade eterna. De certa forma, era verdade. Naquele jarro estavam as lágrimas de todas as pessoas que a tinham amado. De madrugada, a pele de Dinamene desatou a escurecer. Como se o corpo tivesse decidido preencher-lhe todos os espaços em branco da vida. Foi assim que Dinamene passou da vida à arte, de ser humano a parecer literal: a alma encheu-se-lhe de estruturas precárias, o corpo esvaziou-se-lhe em sucessivas acumulações de cor. Até ao instante em que, deitada sob as pétalas, Dinamene se lembrou de tudo e depois esqueceu-se e nasceu a chorar.

Todo o Amor

Espero-te, em sobressalto, com todas as velas da alma acesas, tremendo ao vento quente de Julho. Aqui ninguém nos conhece — aqui ninguém pode fazer troça do nosso pobre, eterno, inconsolável amor. Um amor que ninguém entende, minha querida — nem nós. Vejo-te, com o teu vestido branco de bordado inglês, as sandálias demasiado altas, o calor do Verão desabando numa chuva de luz em redor do teu corpo, no terraço da Torre de Menagem do castelo de Estremoz. Vejo-te primeiro de costas, os cabelos louros inundados de sol sobre os braços e o vestido branco, inclinas-te sobre as ameias e fotografas a cidade. Espero que tu te voltes para que o meu deslumbramento se imobilize sobre o teu corpo em movimento, o teu sorriso infinito, desesperadamente